

A última peregrinação a Kailash

Kailash, o lugar mais sagrado do planeta para quatro religiões orientais. E também o lugar menos visitado pelos seus crentes. Esta é a viagem ilegal de uma dinamarquesa e de um português que se misturaram com as peregrinações dos fiéis tibetanos.

TEXTO E FOTOS: NUNO GODINHO

Conheci a Anna em Lassa durante a minha viagem ao Tibete. Quando lhe perguntei quais eram os planos dela, o meu objectivo também mudou. “Vou sozinha até Kailash”, explicou. E eu perguntei: “O que é Kailash?”. “Kailash é a montanha mais sagrada da Ásia. Não sei se vou conseguir, porque além de ficar num dos pontos mais remotos do planeta é ilegal a um turista viajar sozinho até lá. Mas vou tentar. Se quiseres vir comigo és bem-vindo”. Para dizer a verdade, a única razão que me levou a dizer que sim foi saber que ficaria arrependido se dissesse não.

O monte Kailash é destino milenar de peregrinos de quatro religiões diferentes que o consideram o lugar mais sagrado do planeta: Os fiéis do budismo, do hinduísmo, jainísmo e bön. Foi ao bön, uma religião xamânica natural do Tibete e hoje em vias de extinção, que o budismo tibetano foi buscar uma boa parte dos rituais e símbolos que o tornam único, como as bandeiras e rodas de oração. Embora detenha este estatuto único, a sua remota localização faz com que se mantenha ainda hoje um dos lugares menos visitados pelo Homem.

A partida de Lassa, a capital do Tibete, seria no dia seguinte. O resto do tempo foi passado a organizar a viagem. Uma excursão montada por uma agência até Kailash pode custar até mil euros e proporciona jipe, tenda, cozinheiro, guia e as quatro licenças necessárias emitidas pelo governo chinês – que fica com uma boa parte deste dinheiro. O preço elevado tem permitido a esta montanha manter-se até hoje arredada dos destinos turísticos populares. Não estando dispostos, restava-nos arriscar uma viagem ilegal, o que nos impedia de fazer perguntas em agências de viagens. Acabámos por encontrar boa parte da informação necessária na Internet.

Existem dois caminhos possíveis. O primeiro, de 1200 quilómetros, utilizado pelas excursões, tem estradas péssimas e é muito mais perigoso de atravessar por estar pejado de postos militares de controlo. O segundo, de dois mil quilómetros, tem estradas ainda piores, mas, por ser menos controlado, é a escolha da maioria dos viajantes ilegais. Existe um autocarro diário que demora três dias de Lassa a Ali – a cidade mais perto de Kailash – e cujo condutor, por seguir pelo caminho mais longo e seguro, aceita um suborno para levar dois turistas por dia.

Dedicámos boa parte do dia a correr de loja em loja na preocupação de obter uma série de objectos importantes para o novo destino. Tenda e comida são essenciais para uma viagem à boleia através de mais de mil quilómetros inóspitos e praticamente desabitados. Além disso, a falta de algo tão simples como luvas ou palmilhas poderia comprometer tudo. Caminhar 54 quilómetros em torno de uma montanha a mais de cinco mil metros de altitude não é algo que se faça todos os dias.

Calma adrenalina

É preciso um dia e meio para percorrer os primeiros 300 quilómetros até Latze num autocarro local que segue pela Friendship Highway – a famosa estrada de terra batida que liga Lassa a Kathmandu e que simboliza a assumida amizade entre a China e o Nepal. A meio do caminho aconteceu algo de estranho: os tibetanos começaram aos berros e mandaram parar o autocarro. O condutor obedeceu. Atrás de nós, por entre o rastro de poeira, um jipe parado e alguém aproximando-se carregando algo que parecia... a minha mochila. Os incontáveis buracos da “estrada da amizade” tinham-na feito cair do tejadilho do veículo. Quem já viajou nesta estrada sabe quão improvável é avistar outro transporte e só uma grande sorte fez com que logo atrás do autocarro viesse alguém para salvar o equipamento. Recuperei a mochila que ignorava ter perdido e escapei de saber o que é viajar no Tibete só com a roupa que se traz vestida.

Em Latze, onde a estrada bifurca para o Nepal e Kailash, tomámos o sentido do monte sagrado. O primeiro posto de controlo estava a cinco quilómetros. Os transportes públicos em Latze são tractores com atrelado. Tentámos entrar num e pela primeira vez na vida percebi o que é não conseguir comunicar com alguém. O condutor do tractor não falava uma única palavra de inglês nem nós de tibetano. Ao fim de dez minutos, rodeados por uns 20 locais que, curiosos, tentavam em vão ajudar, demo-nos por vencidos. Por sorte apareceu um guia turístico japonês que resolveu o problema com duas frases em tibetano e juntou-nos a uma série de camponesas na direcção do posto de controlo.

Conseguir atravessar o posto significa entrar na ilegalidade: depois desse ponto são necessárias licenças. Os guardas chamaram-nos. A aventura podia ter terminado ali. Mas não. Os soldados só queriam uma oportunidade para falar inglês. Caminhámos ao longo de quatro horas à espera de uma boleia que nunca mais vinha. Acabámos por desistir e passar a noite num pequeno hotel à beira da estrada.

Chamar-lhe hotel é correr sérios riscos de ser mal entendido. É um hotel para tibetanos. Alguns pequenos quartos de construção tradicional em redor de um pátio interior. Tal como a maior parte das habitações tibetanas, não tem casa-de-banho. As necessidades são feitas ao ar livre junto a uma das paredes exteriores da casa. Em todos os quartos há um fogão que, alimentado a excremento de iaque, permite não só cozinhar como contrariar o frio. O fogão da cozinha, eternamente aceso, aquece água para o chá com manteiga do mesmo animal. Este chá, misturado com farinha de cevada tostada, constitui a base da alimentação tibetana. Num dos quartos, três mulheres manejam três teares fabricando três tapetes ao som de uma inesquecível melodia cantada a uma só voz. O povo do Tibete canta por tudo e por nada e a sua tradição conhece canções apropriadas para cada tipo de actividade.

É Verão, mas o cair da noite acorda o frio. Passámos o serão na cozinha embalados pelos cantares regados a *chang*, a cerveja de cevada caseira que a hospitalidade obriga a servir em quantidade. Dormimos a nossa primeira noite ilegal protegidos por fortes sacos-cama dos 15 graus negativos que atravessavam as janelas sem vidro do quarto.

De manhã, depois de lavar a cara num riacho, apanhámos boleia num jipe que seguia para oeste. Sem grande sucesso, tentámos comunicar com o condutor através das frases básicas do guia turístico. Como resposta, apenas risos. Talvez resultantes dos disparates que nos saíam da boca. No pouco inglês que sabia, o motorista explicou estar incumbido de ir buscar um grupo de turistas a Kailash. De um momento para o outro o nosso problema parecia resolvido, mas esta sensação só durou até ele ter compreendido que

estávamos ilegais. Explicou que em tempos tinha já pago uma multa por transportar turistas ilegais e depois ele abandonou-nos perto de um hotel. O sentimento de frustração depressa se transformou na estranha alegria de sabermos estar em sítio nenhum. Nada mais à nossa volta para além do hotel. Para onde quer que olhássemos víamos apenas deserto e montanhas nevadas. O jipe que desaparecia no horizonte deixava para trás apenas o silêncio e dois viajantes. O tempo parara. Esperámos duas horas pela cada vez mais improvável nova boleia. O sol fechou o dia em *technicolor* e rendemo-nos ao final do episódio.

O difícil sorriso amarelo

Acordámos às seis da manhã e esperámos oito horas sentados à beira da estrada. Mudávamos de lado de cada vez que o vento mudava de opinião para evitar comer a poeira levantada pelos raros autocarros, jipes e camiões que passavam sem abrandar. Fomos salvos por um camião transportando cevada que avançava para o posto de controlo de Saga, o mais rigoroso do Tibete Oriental. Seguiu a estrada a sul – a mais rápida para chegar a Kailash –, sendo que, para nós, a do norte era mais segura. Arriscámos mais uma vez, embora com cuidado: dois quilómetros antes do posto saímos do veículo e percorremos a estrada a pé, permitindo ao nosso amigo camionista atravessar o controlo sem problemas.

O medo aumentava à medida que nos aproximávamos. O rumo da viagem podia mudar a qualquer momento. Caminhámos ao largo do posto de controlo suficientemente longe para que os guardas tivessem de nos berrar, mas suficientemente perto para não parecer que tentávamos passar despercebidos. Evitando olhar directamente para os guardas, discutíamos em sussurro as várias possibilidades do nosso futuro próximo: atravessar incólumes; pagar uma multa e ser recambiados para o Nepal; conhecer uma prisão chinesa; ou, na pior das hipóteses, levar um tiro.

O cenário não era bom. Há pouco tempo, dois turistas espanhóis tinham sido baleados por ignorarem um polícia que os tinha mandado parar. Os guias turísticos ensinam também que quando alguém é preso na China, se insistir na sua inocência, está a insultar o guarda que o prendeu porque sugere que este se enganou ao fazê-lo. Por mais estranho que pareça, a atitude sensata é escrever uma confissão pedindo desculpa à Mãe China mostrando arrependimento e vergonha – mesmo que se esteja totalmente inocente – e depois aguardar por ajuda diplomática.

O guarda de serviço coçava a cabeça baralhado com a improvável presença de dois turistas a pé naquele lugar. Chamou mais guardas que ficaram tão baralhados como o primeiro. Caminhámos sem parar até que, já fora do raio de visão do posto de controlo, percebemos que tínhamos conseguido. Estávamos em Saga.

Não encontrámos o camião. Esperámos duas horas à beira da estrada com a sensação de a qualquer momento podermos ser interceptados pela polícia. Cheios de fome e tristes por ter perdido o camião, reparámos num grupo de jovens que, a cem metros de nós, parecia divertir-se. Aproximámo-nos e fomos logo convidados para a festa de anos de uma universitária tibetana. Alimentaram-nos o corpo e o espírito e distraíram-nos o tempo suficiente para o camião, que já déramos como desaparecido, tornar a aparecer e podermos seguir viagem.

O dia ia já no fim. Não é normal viajar de noite no Tibete, mas o condutor, por estar atrasado, decidiu arriscar, dando-nos a possibilidade de assistir a um anoitecer

sobrenatural e experimentar uma viagem nocturna no tecto do mundo. O mapa mostrava-nos que em 14 horas de viagem tínhamos avançado menos de 300 quilómetros. A pesada carga obrigara a nunca passar dos 20 quilómetros horários. Mas isso não era um problema para nós, agora que aprenderamos que, no Tibete, o tempo sobra.

Acordámos em Nova Zuangmu, uma decadente cidade militar chinesa construída ao lado de Zuangmu, uma igualmente decadente aldeia tibetana. Era este o destino do camião. Tínhamos de arranjar nova boleia para continuar. Ficámos quatro horas sentados à espera. Primeiro choveu, depois nevou, a seguir fez um sol abrasador e por fim acabou-se-nos a água. Desanimámos a sério pela primeira vez.

Fartos de não apanhar boleia na direcção certa, decidimos regressar à aldeia para comer e beber água. Como sempre, não sabíamos o que nos esperava. Os tibetanos, até aí simpáticos e prestáveis, não falaram connosco e recusaram dar-nos conforto. Só meia hora depois compreendemos: três polícias chineses parados no meio da estrada olhavam para nós desconfiados. Um rapaz com uniforme militar, um homem vestido à civil e uma mulher vestida para matar. Não sabíamos o que fazer. Tínhamos vindo até tão longe e agora o fim prematuro olhava fixamente para nós.

Aterrorizados e sem possibilidade de fuga, fizemos a única coisa que nos pareceu razoável: dirigimo-nos para eles com todas as forças que nos restavam e perguntámos num tom calmo e descontraído onde poderíamos arranjar comida, forçando à bruta um sorriso amarelo que tentava esconder o pânico que ia dentro de nós.

Lê-se nos guias do Tibete que na China, enquanto sorris, ninguém te fará mal. Neste país o sorriso é uma espécie de escudo de forças emocional. A mulher fitou-nos com cara de poucos amigos e indicou a porta de um restaurante com um severo movimento de cabeça. Imediatamente uma tibetana se levantou para nos servir. Enquanto comíamos, os polícias entraram no restaurante e cercaram-nos silenciosamente trocando olhares implacáveis. O fim da nossa aventura podia acontecer a qualquer momento mas, movidos por uma réstia de esperança, dissemos um para o outro “Vamos?”, metemos as mochilas às costas, ligámos os sorrisos, dissemos adeus aos polícias e saímos porta fora em direcção a parte nenhuma. Para nosso espanto não fizeram nada para nos impedir. Já bastante longe da aldeia montámos a tenda num sítio escondido e dormimos, pedindo a todos os Budas para não sermos atacados por animais selvagens.

Nova manhã, novo jipe, nova boleia. O condutor era tibetano e trazia um jovem passageiro chinês. Receberam-nos muito bem. O jovem trabalhava para o Ministério do Turismo. Caíramos novamente na boca do lobo. Às várias perguntas que nos colocou demos respostas ambíguas e seguimos viagem protegidos pela agora oportuna dificuldade de comunicação. Só muitas horas depois, quando chegámos ao terceiro posto de controlo e nos viram a ambos subitamente adormecidos, escondidos o mais fundo possível nos bancos de trás do jipe, começaram a desconfiar: “Vocês podem estar aqui?”. Respondemos que sim de dentro do nosso esconderijo, com o ar menos convincente do mundo. Fingimos outra vez adormecer no quarto posto de controlo e ninguém tornou a tocar no assunto. Já tinham percebido que éramos ilegais mas, talvez por terem simpatizado connosco, decidiram ajudar e levar-nos até ao nosso destino. Depois de tantas provações estávamos em Kailash e o sabor da conquista fez com que ela parecesse a mais bela montanha do mundo.

Kailash, a montanha sagrada

É a própria montanha, dizem os tibetanos, que decide aqueles com suficiente preparação espiritual para a conseguir alcançar e contemplar. Neste Olimpo oriental tudo está envolto em mistério. Berço do mundo habitado por deuses, local de nascimento de Shiva, o deus hindu da destruição, Kailash foi retiro espiritual do próprio Buda e palco de ferozes batalhas entre feiticeiros de religiões inimigas. Morada de mestres tântricos eremitas, não há uma única pedra sua que não tenha uma qualquer história mística para contar e, por isso, peregrinar até Kailash é o sonho máximo de uma boa parte da população asiática. A sua forma em pirâmide quadrangular alinhada pelos quatro pontos cardiais e com 6712 metros de altitude, o lago sagrado Manosaravar, igualmente importante por criar com ela uma relação de equilíbrio espiritual, e o facto de a partir dela se conseguir ver ao mesmo tempo picos montanhosos do Tibete, Nepal e Paquistão tornam Kailash num dos lugares mais singulares que o planeta tem para oferecer.

Darchen é uma pequena povoação no sopé sul da montanha que serve de campo base a todos os peregrinos que aqui chegam para fazer a Kora de Kailash – a peregrinação em seu torno (ver caixa). Nem cinco minutos tinham passado desde a nossa chegada e já éramos notícia. Dois polícias chegaram à nossa procura. Após pedirem os nossos passaporte e o visto deixaram-nos em paz sem exigir qualquer das licenças necessárias a um turista.

Um budista que se preze dá a volta à montanha em apenas um dia. Outra modalidade radical bastante comum demora duas ou três semanas e consiste em durante o percurso todo fazer prostrações totais no chão a cada três passos. Acredita-se também que um peregrino que complete 108 voltas à montanha atinge a iluminação. Nós, menos ambiciosos, planeámos dormir lá três noites, uma em cada um dos seus remotos mosteiros. Dormimos numa pequena estalagem pertencente ao primeiro mosteiro, que se situa no lado oeste da montanha. No mesmo quarto ficou também a dormir um enigmático monge cuja constituição robusta disfarçava a já avançada idade.

Pelas seis horas da manhã acordei. Um calmo som enchia o quarto: o monge executava as suas preces matinais emitindo um mantra gutural. O impacto daquele som era tal que não consegui evitar especular sobre os poderes mágicos nele contidos. Nessa manhã estávamos sob o encantamento de Kailash e, embora tenhamos passado bons momentos juntos, Anna e eu sentimos o desejo de nos separar. Kailash era uma experiência demasiado intensa e queríamos vivê-la sozinhos.

Perto do mosteiro havia um rio com uma pequena ponte. Ela foi pela margem direita, eu atravessei a ponte e fui pela esquerda. Durante o resto do dia senti liberdade. Ninguém sabia onde eu estava nem quando regressaria. A centenas de quilómetros da electricidade, de hospitais e de qualquer outro tipo de infra-estruturas, não fazia ideia de quantas horas faltavam para alcançar o próximo mosteiro nem o que me esperaria lá. Não havia passado nem futuro, apenas eu, Kailash, o rio e pequenas toupeiras que espreitavam curiosas aqui e ali.

Ao longo do dia fui ultrapassado por dezenas de peregrinos de todas as idades. Caminhar a mais de cinco mil metros de altitude não é fácil. Com uma mochila de dez quilos às costas ainda mais difícil se torna. Várias vezes vi desaparecer ligeiros à minha frente velhos tibetanos com idade para serem meus avós. Os únicos peregrinos que conseguia deixar para trás eram os cada vez mais raros praticantes da religião Bön (ver caixa), porque percorrem a kora na direcção oposta.

De tempos a tempos parava uns minutos para descansar e recuperar o fôlego. Os tibetanos não. Habitados à altitude e a caminhar longas distâncias, dão a volta a Kailash quase sem parar e sem deixar esmorecer o sorriso que ornamenta a sua tez singular, deixando revelar a alegria enorme que sentem por estar ali. A maldição de Babel obrigamos a comunicar apenas por gestos, mas descubro serem suficientes para partilhar comida e dar apoio moral. Consigo levar apenas a roupa que têm no corpo, uns velhos tênis cansados, torrões de açúcar para quando lhes falta forças e um saco de farinha de cevada tostada para misturar com chá de manteiga de iaque, suficiente para os alimentar durante todo o percurso. Um contraste notável com a indumentária sofisticada de que eu dispunha e que me era fundamental para sobreviver à neve, chuva, frio e vento que se faziam sentir, mas que não fazia falta nenhuma a quem se sente em casa naquele ambiente.

Algumas horas depois cheguei ao mosteiro Dira-Puk, que em tibetano significa “dente de iaque-fêmea”. Virado para a face norte da montanha, herdou o nome da gruta com o mesmo nome à volta da qual foi construído e que no século XI serviu de abrigo durante longos meses a Milarepa, um importante santo budista, num dos seus retiros de meditação.

Por todo o Tibete existem grutas semelhantes e há registo de todos os monges importantes que lá meditaram. Os budistas tibetanos acreditam que estes lugares foram escolhidos por serem especiais e que, quanto mais tempo neles se meditou, mais potencial energético ganharam para outros meditem. Os dias dos eremitas ascetas já lá vão e hoje as grutas servem de santuários para os peregrinos que nelas param uns momentos para rezar.

No tecto da pequena gruta existe uma concavidade que se diz ter sido formada pelo poder emanado da cabeça de Milarepa enquanto meditava. Não é preciso acreditar em nada disto para sentir a espiritualidade do lugar sagrado. Dira-Puk é habitado por oito monges que trabalham na reconstrução do mosteiro que foi um dos seis mil destruídos pelos chineses durante a Revolução Cultural de 1966-69 e que o Governo chinês decidiu finalmente ajudar a reconstruir como uma operação de charme para o Mundo.

O dia-a-dia dos monges é sempre igual. Na Gumpa – o templo do mosteiro – executam a preceito os diversos rituais diários. Nos intervalos lêem e meditam espalhados pelas duas ou três salas do mosteiro. Ao fim da tarde juntam-se na sala comum que, como é habitual no Tibete, serve de sala de estar, cozinha e dormitório. Todos os dias, um ou dois monges partem de madrugada para mais uma Kora à volta a Kailash, regressando no mesmo dia à noite com o karma ligeiramente mais leve.

É raro um estrangeiro ficar alojado nos remotos mosteiros de Kailash. Os viajantes ilegais são muito poucos e os grupos organizados ficam sempre a dormir em acampamentos próprios. Fui acolhido com curiosidade e simpatia. Durante o resto da tarde ensinei um dos monges a contar até 30 em inglês enquanto os outros revistavam o meu guia do Tibete fascinados com as fotografias e mapas do seu país e buscando, em vão, o ilegal retrato do Dalai Lama, erradicado do Tibete pelo governo chinês que prende qualquer um que o possua. Convidaram-me para assistir a uma das cerimónias religiosas e, em vez de ficar no quarto de hóspedes, tive a honra de dormir no dormitório comum com os outros monges. Para o dia ser perfeito só faltava nevar. Nevou.

Após Dira-Puk o caminho sobe cada vez mais íngreme até aos 5630 metros de altitude, no lado este da montanha. O corpo humano habitua-se à altitude com o passar do tempo, mas o Síndrome Mal da Montanha é imprevisível e independente da constituição física de

cada pessoa. Começa por manifestar-se com falta de ar e dores de cabeça e, ao continuar a subida, pode evoluir para perda de sentidos, desorientação e morte. O único remédio é descer, descer o mais depressa possível. Tendo dormido esta noite a 5200 metros senti várias vezes súbitas sensações de falta de ar e só a custo controlei o pânico. Desde o início da viagem que o número 5630 me aterrorizava. Sabia que era o maior desafio e que nada que eu fizesse me poderia preparar para ele. À medida que subia era obrigado a descansar com mais frequência e a avançar cada vez mais devagar. Caminhava em câmara lenta, consciente de cada passo. A cabeça doía-me cada vez mais.

Algumas horas depois avistei uma enorme extensão de bandeiras de oração e compreendi que tinha chegado ao topo. Desde os tempos áureos da religião Bön que no Tibete as passagens altas dos caminhos estão ornamentadas com pequenas bandeiras coloridas que rezam incansáveis ao vento. São uma das imagens de marca deste país. Vê-las foi o culminar de um sonho que começara nove dias antes em Lassa. Os meus movimentos lentos condicionados pela altitude não revelavam o êxtase que sentia por dentro. E ali começava o regresso.

Desci calmo e satisfeito durante o resto do dia até chegar ao terceiro mosteiro da montanha. Os três monges que lá habitam acolheram-me muito bem e tornei a ser convidado para comer e dormir nos seus aposentos. No dia seguinte ao final da manhã terminava a Kora. A sorte ainda não me abandonara porque mesmo antes de chegar de novo a Darchen conheci um tibetano com um jipe que aceitou dar-me boleia até Saga, a partir de onde se pode apanhar facilmente boleia de regresso ao Nepal. Ele conduzia dois engenheiros civis chineses que tinham vindo a Kailash com o objectivo de preparar o projecto de uma estrada que vai ser construída à sua volta.

Será o princípio do fim? Depois de milhares de anos de Kailash fazer evoluir espiritualmente a humanidade, chegou agora o momento de a humanidade fazer evoluir materialmente a montanha. Dentro de dois ou três anos a China, imparável e ávida de progresso, terá empacotado a magia deste lugar em invólucros de plástico. Eu e Anna – que nunca mais voltei a ver –, poderemos ter sido dos últimos ocidentais a conhecer uma Kailash intocada.

Caixa:

Kora

Na religião budista tibetana a Kora é o percurso efectuado no sentido dos ponteiros do relógio em torno de um determinado lugar sagrado. Um praticante budista percorre a pé uma Kora na esperança de receber benefícios espirituais. Dezenas, centenas e até milhares de peregrinos podem ser vistos a qualquer altura do ano caminhando ao redor dos templos e símbolos mais importantes do budismo tibetano. Percorrer uma Kora é uma das melhores formas de sentir o povo tibetano e é impossível não ser contagiado com a sua alegre devoção. As Koras são uma das muitas coisas que já existiam na religião Bön e foram entretanto adoptadas pelo budismo tibetano. Outros exemplos são as rodas e bandeiras de oração que são os principais símbolos do budismo tibetano. Ao contrário de no budismo tibetano, na religião Bön as Koras eram percorridas no sentido inverso ao ponteiro dos relógios. Ao encontrar um peregrino a percorrer uma Kora nesse sentido sabemos estar perante um dos raros praticantes desta fascinante religião animista hoje em vias de extinção.

A Kora de Kailash é, de todas, a mais famosa e poderosa. Diz-se que aquele que ao longo da sua vida fizer 108 circunvalações a esta montanha tem a garantia de atingir o Nirvana nesta vida. Além disso a Kora de Kailash é um autêntico *rally-paper* religioso. Durante todo o percurso há dezenas de pontos notáveis que os peregrinos mais atentos não perdem por nada por forma a amplificar a sua experiência espiritual. Destacam-se duas pegadas do próprio Buda, duas cavernas onde o santo Milarepa se abrigou durante os seus retiros de meditação e várias marcas resultantes da famosa batalha que Milarepa travou com o feiticeiro Bön Naro Bon-chungpara em que, segundo os budistas tibetanos, demonstrou definitivamente a superioridade da sua religião em relação à religião Bön.